

Pesquisa em Audiovisual na Amazônia: primeiras anotações¹

Uriel Nascimento Santos PINHO²

Regina Lúcia Alves de LIMA³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de estabelecer alguns marcos sobre a pesquisa em audiovisual na Amazônia. Inicialmente, faremos uma breve contextualização teórica da importância do campo midiático (FAUSTO NETO, 2008) na elaboração e circulação de discursos, para então contextualizar sócio-historicamente a origem dos audiovisuais midiáticos na Amazônia (FERREIRA, P. R., 2005; COSTA, 2006; PETIT, 2011). Em seguida, procuramos reunir algumas das principais preocupações e elementos de análise de pesquisadores que trabalham com o audiovisual na região, de modo a organizar “caminhos de investigação” que no futuro nos ajudem a analisar conteúdos audiovisuais a partir do referencial da semiologia dos discursos sociais e do método de análise de discursos (PINTO, 2002).

PALAVRAS CHAVE: Mídia; Identidades; Discursos; Audiovisual; Amazônia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte dos primeiros resultados do projeto de pesquisa “Análises de Conteúdos Audiovisuais Midiáticos na Amazônia” - financiado pelo CNPq e pela UFPA -, que tem como principal objetivo⁴ analisar os processos audiovisuais midiáticos na região Amazônica, investigando e refletindo sobre os fenômenos gerados e ou construídos por esses dispositivos midiáticos. Entre as ações do projeto estão a catalogação de conteúdos audiovisuais midiáticos exibidos em mostras de cinema e audiovisual dos estados da Amazônia Legal entre os anos de 2010-2011, bem como os veiculados em grades de programação de TVs, na mesma região e período, que poderão então ser

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação. 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFPA. Bolsista PIBIC/CNPq-AF do Projeto de Pesquisa “Análises de Conteúdos Audiovisuais Midiáticos na Amazônia”. Email: urielpinho@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, especialista em Teorias e Metodologias da Comunicação pela UFPA. Professora do programa de pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. Atualmente é Ouvidora da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e coordenadora o projeto de pesquisa “Análises de Conteúdos Audiovisuais Midiáticos na Amazônia”, com apoio da UFPA e do CNPq. Email: rebacana@gmail.com

⁴ Como objetivos também estão o registro das produções audiovisuais contemporâneas circulantes na região, compreendendo diferentes suportes, gêneros e formatos; bem como de diferentes pesquisas realizadas sobre o audiovisual na Amazônia, a partir de referenciais das ciências humanas e sociais aplicadas; o que abre espaço para outras perspectivas teórico-metodológicas de abordagem do audiovisual dentro das ciências da comunicação.

analisados a partir do suporte teórico-metodológico da Semiologia dos Discursos Sociais e do método de análises de discursos (PINTO, 2002).

Este artigo faz uma revisão bibliográfica para contextualizar e caracterizar nosso objeto de estudo: o audiovisual na Amazônia. A ideia é reunir referenciais de estudos sobre audiovisual/mídia/Amazônia no campo da Comunicação - especialmente os autores da região -, abarcando também contribuições das Ciências Sociais e Humanas de maneira mais ampla.

A seguir, faremos algumas demarcações iniciais sobre o audiovisual e nossas opções metodológicas. Em seguida, faremos uma breve contextualização histórica das origens do registro e circulação de imagens em movimento na região amazônica; para então destacar algumas das análises de audiovisuais feitas por autores contemporâneos. Análises que colocam em destaque preocupações com a construção de discursos relacionados às identidades locais, povos tradicionais, ecologia e cultura urbana. Esperamos assim organizar “caminhos de investigação” que no futuro nos ajudem a caracterizar as diversas vozes e lugares de enunciação presentes nos conteúdos audiovisuais pesquisados.

Audiovisual e região amazônica: algumas opções metodológicas

A legislação brasileira (*apud* CASTRO, 2007, p. 1) diz que o termo audiovisual pode abarcar produtos realizados tanto para o cinema quanto para a TV ou o rádio, sendo produtos de fixação ou transmissão de imagem - com ou sem som -, que criam a impressão de movimento, independentemente dos processos de captação e dos meios utilizados para a sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão. Neste trabalho, focaremos no cinema e na televisão como meios emblemáticos baseados nessas imagens em movimento, e, portanto, com destaque na materialização de discursos diversos.

Em um contexto de hibridez midiática onde o audiovisual passa por um constante processo de (re) evolução (ARAÚJO, 2010, p.1), reforçado pelas possibilidades das novas tecnologias da comunicação; é difícil compreender as “linguagens” e sentidos elaborados por esses dois meios sem fazer referência às influências mútuas que exercem entre si na configuração de uma “sintaxe” (ARAÚJO, 2010, p. 14). Desse modo, o projeto “Análises de conteúdos Audiovisuais...” optou por inicialmente fazer o levantamento de textos que abordam o audiovisual tanto no cinema quanto na televisão. A estratégia tenta subsidiar análises que lidem com conteúdos audiovisuais nos dois meios, guardadas as suas especificidades, e também com aqueles presentes em mídias híbridas.

Em relação aos textos reunidos, ainda que tangencialmente eles abordem contextos relacionados a outros estados da Amazônia Legal, são oriundos primordialmente dos estados do Amazonas e do Pará, e portanto, descrevem muito mais as realidades desses locais. Este recorte se dá pela grande importância política, cultural e econômica dos dois estados (que atualmente são os maiores, mais populosos e que concentram maior atividade econômica na região), o que hipoteticamente pode relacionar-se à hegemonia dos discursos produzidos em seus territórios - em diferentes suportes, por diferentes indivíduos, grupos e instituições -, a respeito das identidades amazônicas, questão de especial relevância para este projeto.

Vale lembrar também que mesmo para especialistas de diversas áreas, há dificuldade de delimitar a região amazônica, pois não existe uma única forma de definir seus limites (ARAGÓN, 2002). Fatores como hidrografia, ecossistema ou organização política podem ser usados, entretanto, a visão de uma Amazônia homogênea não se sustenta, visto que a região é marcada por uma enorme diversidade ecológica, populacional, política e cultural.

Audiovisuais midiáticos e circulação de discursos

O projeto “Análises de Conteúdos Audiovisuais Midiáticos na Amazônia” se vale de noções como a de “mídiatização” (FAUSTO NETO, 2008), que destaca a relevância do campo das mídias não apenas como mediador e organizador “tecno-simbólico” de novas interações entre outros campos, mas também como fonte relativamente autônoma de inteligibilidades, assumindo que

As mídias se converteram numa realidade mais complexa em torno da qual se constituiria uma nova ambiência, novas formas de vida, e interações sociais atravessadas por novas modalidades do “trabalho de sentido”. Neste contexto, as mídias não só se afetam entre si, se inter-determinando, pelas manifestações de suas operações, mas também outras práticas sociais, no âmago do seu próprio funcionamento. (FAUSTO NETO, 2008, p. 92)

Neste ponto, nos interessam os audiovisuais especialmente como dispositivos midiáticos que colocam em circulação diversos discursos sobre a Amazônia, suas populações, realidades e identidades. É importante destacar, a partir de Milton José Pinto (2002) que

O analista de discursos é uma espécie de detetive sociocultural. Sua prática é primordialmente a de procurar e interpretar vestígios que permitem a contextualização [dos produtos comunicacionais] em três níveis: o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sociocultural mais amplo, no interior dos quais se deu o evento comunicacional”. (PINTO, 2002, p. 26)

A respeito dos discursos construídos sobre a região amazônica, autores como Steinbrenner (2009), reconhecem que desde os tempos da colonização, é marcante o caráter “mítico” de muitas das elaborações sobre a região que a desenham como “Eldorado” de aventureiros, local de riquezas naturais onde o aspecto humano fica em segundo plano. Elaborações que encontram no campo das mídias um terreno fértil para sua atualização e reprodução.

A autora destaca que essa visão sobre as maravilhas e riquezas naturais da região de certo modo baseia-se na realidade, já que todo mito surge a partir de uma determinada coerência com o real, e que a natureza na Amazônia de fato é exuberante. Entretanto, ela destaca o caráter “cruel” dessas elaborações discursivas quando se observa o impacto de suas operações de reducionismo no desenvolvimento de políticas públicas que não consideram aspectos urbanos, rurais e silvestres como elementos que interagem em uma mesma complexidade. Este processo faria com que as diferentes populações da Amazônia fossem invisibilizadas, o que contribui negativamente para o desenvolvimento social na região.

Consideramos esta uma anotação importante, já que destaca a importância das práticas discursivas midiáticas na realidade sociocultural e política e assinala um tema bastante abordado por pesquisadores da comunicação na região.

Audiovisual na Amazônia: breve histórico

A segunda metade do século XIX e início do século XX marcam o período da *Belle Époque* amazônica, em que movimentada pelos lucros da exportação do látex, a região se torna uma das economias mais importantes do país. Nesse período, as elites enriquecidas de Manaus e Belém provocam transformações urbanas e culturais a partir de modelos europeus, especialmente franceses, tentando implantar na região referências de modernidade e “civilização”.

De acordo com Pedro Veriano (*apud* PETIT, 2011, p. 2) o primeiro projetor de imagens apresentado em Belém chega nessa época. Foi o *Vitascope*, invento patenteado por Thomas Edison e que no 29 de dezembro de 1896 fez uma apresentação recebida sem grandes euforias, e criticada por sua deficiência técnica quando repetida em Manaus, no ano seguinte (AMAZONAS, 1897 *apud* COSTA, 2006, p. 98).

Entretanto, antes disso, a partir da década de 50 do século XIX, outros aparelhos baseados na projeção de imagens podiam ser encontrados no circuito de entretenimento de Manaus (COSTA, 2006, p. 97), mas, assim como na estreia do *Vitascope* - e mesmo posteriormente, na do popular cinematógrafo dos irmãos Lumière, também em 1897 -, as diversões mais concorridas em Manaus eram as artes importadas da Europa (ópera, teatro...), por parte das elites amazonenses; e as touradas, circos e passeios de bonde, por parte das camadas mais empobrecidas, sendo as projeções de imagem em movimento uma diversão secundária.

Somente a partir da primeira década do século XX é que o cinema se consolida como entretenimento popular e, das exibições ambulantes e sazonais (PETIT, 2011, p. 01), Belém e Manaus começam a contar também com casas dedicadas à exibição fixa. Em relação à produção de filmes na região, Selda Vale da Costa diz que

Nas primeiras décadas do século XX, a região foi percorrida por dezenas de exibidores ambulantes de empresas famosas como a Pathé-Frères e a Gaumont, que realizaram tomadas da selva e do cotidiano das cidades amazônicas, ao mesmo tempo em que estimularam o aparecimento de inúmeras salas fixas de projeção pelos rios do Acre, Roraima e Rondônia atuais (COSTA, 2006, p. 104).

A produção no Amazonas inicia-se em outubro de 1907: “Praça e igreja da Matriz”, “Praça de São Sebastião com a estátua e o Teatro”, “A procissão de N. S. de Conceição”, “Visita ao matadouro de Manáos”, “Obras da Manáos *Harbour*” e “A frente da intendência no dia da posse do coronel Affonso de Carvalho” (COSTA, 2006, p.104-105).

Em novembro de 1911 foram exibidos, no Teatro Odeón - também conhecido pelo nome de Cinema Ideal -, em Belém, os primeiros documentários filmados pelo catalão Ramon de Baños na cidade: “Embarque do eminente Dr. Lauro Sodré”, “O Cyrio” e o “Dia dos Finados em Santa Izabel” (BAÑOS, 1991, apud PETIT, 2011, p. 4). Entretanto, há informações da exibição em Belém, desde 1903, de alguns documentários sobre assuntos paraenses, como a devoção à Virgem de Nazaré, o Bosque Municipal de Belém e o fenômeno da pororoca no Rio Guamá (PETIT, 2011, p. 4-5).

Filmes de propaganda, documentários que mais se assemelhavam a ficção pelo exotismo com que retratavam a região, registros da cultura popular e da vida dos poderosos: tudo isso fez parte das primeiras produções audiovisuais realizadas na região. O ambiente de luxo e efervescência cultural, ainda que a partir do “transplante” de produtos culturais europeus, perdura até as primeiras décadas do século XX, quando a concorrência com o

látex produzido na Malásia pelos ingleses derruba o preço do produto e declara a decadência do ciclo de riquezas e “desenvolvimento” na região.

Mesmo com a decadência econômica, nas décadas seguintes, Belém ainda conserva a posição de importante entreposto comercial, - sustentando também uma indústria, mesmo que pouco expressiva, baseada em produtos primários como o fumo, a malva e a castanha -, e não estava isolada de meios de comunicação como o rádio⁵ e a imprensa, contando ainda com opções de entretenimento como cinemas e cine-teatros que apresentavam filmes estrangeiros e chanchadas nacionais (FERREIRA, R. C. M., 2011, p. 37).

A primeira televisão surge na cidade em setembro de 1961, 11 anos após a chegada da televisão ao Brasil e pelas mãos do mesmo pioneiro no país, Assis Chateaubriand: foi a “TV Marajoara”, Canal 2. A “TV Marajoara” possuía programação quase toda local e chegou a ter dois telejornais diários, novelas e programas musicais, todos apresentados ao vivo⁶. A emissora permanecia no ar por três horas, no início da noite (FERREIRA, P. R., 2005, p. 7).

Em 1965, surge a “TV Manauara”, no Amazonas, como *hobby* da família Hauache (CABRAL, 2003, p. 14), que lançou um sistema parecido com o das atuais TVs a cabo e que funcionava no centro de Manaus, por onde passavam os cabos. A TV possuía apenas uma licença e não era oficialmente uma emissora (FERREIRA, P. R., 2005, p. 9). No mesmo período, de acordo com Hauache Neto (*apud* CABRAL, 2003, p. 14), também era possível pegar de vez em quando transmissões com baixa qualidade de transmissoras de países limítrofes da região norte, como o canal 2 de Caracas, na Venezuela.

Em 1967 é inaugurada em Belém a primeira concorrente da “TV Marajoara”, a “TV Guajará” – Canal 4, como transmissora da “TV Globo”. Apesar de transmitir programas da “TV Globo” – do mesmo modo que a Marajoara transmitia a programação produzida pela “Tupí” -, a programação local ainda era significativa, incluindo telejornais e programas infantis (FERREIRA, R. C. M., 2011, p. 40-41).

⁵ A Rádio Clube do Pará foi ao ar pela primeira vez no dia 22 de abril de 1928 e é tida como a quarta do Brasil (FERREIRA, P. R., 2005, p. 1). Em 1954, Assis Chateaubriand inaugura mais uma emissora da sua cadeia de rádios e jornais, a Rádio Marajoara, de Belém, que começou a operar em 7 de setembro, sob a direção do jornalista Frederico Barata, que era o superintendente do jornal “A Província do Pará”. (FERREIRA, P. R., 2005, p. 3)

⁶ “Pouco a pouco a produção local, que envolvia atores, cenógrafos, iluminadores, vai diminuindo, na medida em que a cabeça de rede da TV Marajoara, a TV Tupi, começa a enviar seus enlatados nacionais e internacionais. O jornalismo, o esporte e os programas de variedades ainda sobreviveram durante muitos anos, antes da modernização dos meios de comunicação, como o vídeo tape e as transmissões via satélite”. (FERREIRA, P. R. 2005, p. 7)

Também em 1967, é implantada a primeira emissora aberta do Amazonas, a “TV Ajuricaba”, nome em homenagem a um herói indígena da região. A TV é iniciativa da família de Abdul Hauache Neto, que após participar de uma licitação pública, conseguiu a concessão do Canal 38, UHF. O pesquisador Paulo Roberto Ferreira (2005) lembra ainda que foi com a instalação da Zona Franca de Manaus, a partir de 1967 - um polo industrial funcionando como plataforma de exportação de mercadorias, principalmente eletrodomésticos -, que criou-se um clima favorável para a instalação da primeira emissora no Amazonas.

No restante da região, a expansão das telecomunicações segue a mesma política desenvolvimentista dos governos militares, que procuravam “integrar” a Amazônia ao restante do Brasil e preservá-la de “influências estrangeiras”, sendo que as primeiras televisões, com produção local – do mesmo modo que as pioneiras no sudeste do Brasil -, com o tempo passam a atuar mais como retransmissoras dos conteúdos gerados no Rio e em São Paulo, formando redes com produção centralizada nessa região do país.

Os primeiros passos dos dispositivos midiáticos ligados ao audiovisual na região amazônica, - tanto do ponto de vista dos suportes econômicos, quanto tecnológicos, sociais e culturais -, contextualizam, ainda que de maneira breve, a ligação dessas produções com outras esferas, não apenas a local ou regional, mas também nacional e global, de elaboração de conteúdos. Tanto nas primeiras imagens capturadas pelos exibidores ambulantes no início do século XX, quanto nos primeiros programas ao vivo nas TVs locais e nos outros filmes rodados em território amazônico, estavam presentes os conflitos pelos modos de representar a região.

Mesmo que, de início, se proponha a ser breve e não exaustiva, vale destacar que a contextualização histórica feita anteriormente deixou de fora muitos realizadores e instituições significativas (notadamente em outros estados amazônicos, além do Amazonas e do Pará). Redução que pode, da mesma maneira, se operar nas análises audiovisuais e nos autores destacados a seguir. A seleção não pretende representar a totalidade de conteúdos audiovisuais, matrizes discursivas ou pesquisas produzidos na/sobre a Amazônia. O objetivo é apenas registrar algumas das questões mais recorrentes sobre os discursos em conteúdos audiovisuais na Amazônia encontrados nas obras dos autores pesquisados.

Discursos sobre urbanidade

A partir do filme de curta metragem paraense “Dezembro” (2003), e também do curta “Dias” (2001), ambos de Fernando Segtowick, Alexandre Sócrates Lins (2007) aponta para interpretações sobre uma cultura urbana amazônica, uma definição de região diferente das usualmente utilizadas para esta parte da América do Sul e do Brasil, especialmente o Pará. Nas palavras do autor:

Esse mosaico que une vidas tão diferentes em uma mesma cidade aponta que a identidade que Fernando Segtowick se refere é bem mais plural que a construção política em torno da identidade cabocla. É como se o drama de seus personagens dissesse que mais do que caboclos, na Amazônia também vivem outros seres humanos com inúmeras formas de identificação (LINS, 2007, p. 10 - 11)

O objetivo é discutir o sentido do que se convencionou chamar “cultura paraense” ou “cultura amazônica” no cinema. Para tanto, o autor recorre a referenciais como Pierre Bourdieu (2002, *apud* LINS, 2007, p. 3); Fábio Castro (2005, *apud* LINS, 2007, p. 2); Homi K. Bhabha (1998, *apud* LINS, 2007, p. 11), e Mikhail Bakhtin (2006, *apud* LINS, 2007, p. 8).

“Dezembro” trata de relações familiares, consumismo e outras relações em ambiente urbano, focando em planos rodados em ambientes fechados e que não focam na paisagem amazônica. O filme trataria também

da incomunicabilidade no mundo contemporâneo, que atinge até mesmo as regiões periféricas do capitalismo, como a Amazônia. Assim, ao invés de reforçar a imagem de uma região que registra um vazio demográfico, onde o ritmo de vida é lento e contemplativo, “Dezembro” mostra personagens individualistas em meio à correria do dia-a-dia da cidade. Cada um está tomado por seus problemas pessoais. Nesse contexto, as pessoas estão cada vez mais distantes uma das outras, apesar de conviverem em espaços populosos. (LINS, 2007, p. 10)

Do mesmo modo, o pesquisador Relivaldo de Oliveira (2009), no artigo intitulado “Antropologia Cinema e Cidade: Representações de Belém do Pará em *Dias*”, reflete sobre as características pós-modernas no curta-metragem paraense *Dias* (2001), também de Fernando Segtowick. Um filme que tem a cidade de Belém do Pará como temática e que, segundo Oliveira, tenta mostrar uma cidade mais contemporânea, diferentemente do regionalismo marcante em outras expressões do espaço amazônico/belenense. O autor começa fazendo uma revisão bibliográfica que auxilie na delimitação do que ele chama de “uma nova antropologia que pensa a cultura contemporânea” (OLIVEIRA, 2009, p. 1).

A partir dessa revisão, o autor analisa o filme, percorrendo sobre suas relações com discursos e realidades, a partir da ideia da semiótica de Clifford Geertz e de autores como

David Harvey e outros que fornecem conceitos sobre antropologia contemporânea, pós-modernidade/contemporaneidade.

Para Oliveira, a cidade surge em “Dias” não como representação simbólica de um mundo coeso, mas como um local multifacetado:

O ambiente urbano não seria mais um local hierarquicamente definido por espaços ou classes sociais, ou de uma definição estamental de culturas, não mais um espaço onde um estilo arquitetônico ou comportamental prevalece, onde o indivíduo se reconhece como pertencente a um espaço e um tempo determinado e coerente, e sim como um lugar onde múltiplas realidades estão presentes, múltiplos espaços, múltiplas vivências na experiência cidadina (OLIVEIRA, 2009, p. 7).

Audiovisual e “auto etnografia”

Por meio do artigo “Imagens da Amazônia”, Gustavo Soranz (2007) relaciona os principais momentos da produção cinematográfica realizada no estado do Amazonas, identificando neste percurso de que maneira a imagem da Amazônia, circulante nessa produção, esteve relacionada aos mitos identificados com a ideia de “Novo Mundo” do século XVI, e, como a atual produção cinematográfica produzida no Estado do Amazonas pode realizar sua auto etnografia através da elaboração de um olhar comprometido com o local (SORANZ, 2007, p. 1).

Para ele, a região amazônica seria o lugar representativo por excelência do “mito do novo mundo”, criação do olhar do colonizador europeu sobre um lugar selvagem e intocado, exótico e exuberante. Ideias que permeariam o imaginário sobre a região e podem ser notadas no argumento de uma série de filmes produzidos ainda hoje.

Ele argumenta que a modernização trouxe consigo uma revisão dos estereótipos sobre a região, desconstruindo aspectos mitológicos e atualizando-os para novas categorias, criando o mito de um lugar que deve ser preservado, um paraíso natural.

Ao falar sobre a importância da visualidade, ele diz que “o olhar marca a percepção do mundo exterior, define nossa relação simbólica com o universo dos homens e das coisas, define nosso imaginário” (VIRÍLIO *apud* SORANZ, 2007, p.9).

Ele destaca, entretanto, que a história das civilizações ocidentais demonstra que a versão oficial dos fatos sempre foi orientada pelo olhar do dominador, do conquistador, fazendo com que o olhar sobre nossa própria essência nos escape. O que faria com que

O desafio do atual cinema produzido no Amazonas é o de pensar o local sob sua própria percepção, revelando suas cores e formas, realizando assim uma auto-etnografia a partir da experiência local. (SORANZ, 2007, p 10)

Para sustentar seus argumentos, Soranz recorre a autores como Arlindo Machado (1997, *apud* SORANZ, 2007, p. 8) e Jean-Claude Bernardet (1978, *apud* SORANZ, 2007, p. 6).

Em outro artigo intitulado “Documentos da Amazônia - Cinema documentário na TV Educativa do Amazonas” (2010) Gustavo Soranz pretende estudar os primeiros passos do audiovisual no Amazonas, tanto no campo cinematográfico quanto no televisivo, fomentado pelas produções audiovisuais realizadas na TV Educativa do Amazonas. Para isso, fundamenta seus argumentos em autores como Stuart Hall (2002, *apud* SORANZ, 2010), acreditando ser necessário resgatar, estudar e repensar essas experiências, praticamente desconhecidas, para se entender os rumos da produção audiovisual no estado, assim como para apontar outra leitura possível da história do cinema regional brasileiro, lançando luzes sobre produções de diversas partes do Brasil, muitas vezes ligadas aos canais de televisão locais, negligenciadas pela historiografia clássica

Dessa maneira, espera ampliar as análises relacionadas ao contexto histórico-social em que a comunicação de massa, através da mídia eletrônica, ganhava importância, modificando o cenário da comunicação social no país e, especificamente no Amazonas, com capacidade de fazer com que atores locais adquiram capacidade de produção cinematográfica e enunciação de seus próprios discursos sobre a região.

Televisão: tensões entre nacional e local

O trabalho do pesquisador Manuel Dutra, intitulado “Redes Nacionais de TV e Recepção Local: cruzando falares, dissonâncias” (2010) é parte do relatório de uma pesquisa desenvolvida pelo autor, cujo objeto é a relação midiática entre o nacional, evocado pelas redes de TV, e as formas de recepção local; e como esses dispositivos se esforçam, nem sempre com êxito, para camuflar seu lugar de fala (DUTRA, 2010, p. 1).

No texto, o autor faz uma descrição da constituição das redes nacionais de televisão no Brasil e as dinâmicas políticas, teóricas, sociais e culturais provocadas por tal processo. Os conflitos entre regional e nacional ocupam importante espaço nas preocupações do autor, sendo que ele faz uma análise de enunciados relacionados a essa temática presentes em produtos midiáticos como telenovelas e programas de variedades, bem como dos desdobramentos de tais enunciados em outros espaços midiáticos.

Para sua análise, o autor se utiliza de teóricos como Roberto Benjamim (1999, *apud* DUTRA, 2010); Michel Foucault (1998, *apud* DUTRA, 2010); e Muniz Sodré (1984, *apud* DUTRA, 2010). Ele constata que

As produções regionalizadas falam uma linguagem também nacional, com o intuito de mostrar a sua região aos espectadores que lhe são fisicamente próximos, no entanto, empregam uma linguagem nacional, por meio da qual possam ter seus produtos aceitos pelos produtores das cabeças de rede e ver seus programas ocasionalmente inseridos nas mídias de abrangência nacional. Dessa forma, simulam um falar regional, seguindo ao mesmo tempo as coerções dos lugares-de-fala das cabeças de Redes. (DUTRA, 2010, p. 14)

Em outro texto anterior, intitulado “A Amazônia na TV: produção de sentido e o discurso da ecologia” (2001), Manuel Dutra objetiva analisar como a Amazônia, por meio da ecologia, é pautada no discurso da mídia. De acordo com o autor, num momento em que a ecologia é a “senha para se colocar a Amazônia no centro de um heterogêneo campo discursivo”, cumpre analisar: (a) como aquele discurso recorrente, das imagens edênico-exóticas, permanece de modo fragmentário no processo de produção do texto midiático; (b) se a introdução de conceitos, como biodiversidade e desenvolvimento sustentável, materializa a produção de sentidos que marcam as noções de exuberância e riqueza natural em contraste com vazio demográfico, atraso e indolência (DUTRA, 2001, p. 1). Para tanto, Dutra utiliza autores como Eliseo Verón (1980, *apud* DUTRA, 2001) e Milton Santos (1994, *apud* DUTRA, 2001).

Considerações Finais

A partir do levantamento realizado, esperamos conhecer os trabalhos de pesquisa desenvolvidos sobre os audiovisuais midiáticos na Amazônia, bem como suas diferentes perspectivas e abordagens, para que seja possível estabelecer um “mapa” que nos auxilie no cumprimento dos objetivos já estabelecidos para nosso próprio projeto. A intenção é que nossos resultados dialoguem com dados e inquietações de outros pesquisadores, adquirindo maior relevância não apenas para acadêmicos da área da comunicação e da cultura e para produtores audiovisuais, mas para a sociedade como um todo.

Destacamos a frequente preocupação histórica dos pesquisadores consultados, o que destaca a importância de reunir textos de autores de outras “Amazônias”, como maneira de também valorizá-los e prosseguir na construção de um panorama dos conteúdos audiovisuais da Amazônia que considerem a sua pluralidade, em diversos aspectos.

Notamos uma forte preocupação dos autores locais pesquisados com as enunciações das identidades locais em conflito/diálogo com elaborações exógenas sobre a mesma realidade, marca que, de certa forma, acompanha a produção audiovisual midiática na região desde seus primórdios. Neste ponto, a noção de “mídiatização” (FAUSTO NETO, 2008) aparece como um caminho possível na análise dos audiovisuais e do campo das mídias como de fundamental importância para a experiência contemporânea e suas elaborações sobre a realidade.

De maneira geral, o exercício de caracterização dos audiovisuais midiáticos e de contextualização de um contexto sócio-histórico em que eles passam a estar presentes na Amazônia cumpriu a função esperada: suscitou muitas dúvidas. Dúvidas que, do ponto de vista teórico estão relacionadas a uma caracterização mais precisa do audiovisual e de seus suportes, processos formais e estéticos, bem como da conformação de suas “síntaxes”. Relacionam-se ainda a uma maior caracterização do “regional” em relação a termos como “local”, “nacional” e “global” e a elaboração de identidades nesses diferentes planos.

Já do ponto de vista empírico, essas dúvidas surgem relacionadas à capacidade dos conteúdos audiovisuais produzidos na região reproduzirem ou reformulam discursos sobre a mesma, que, como dizem muitos de nossos autores, se baseiam na noção de exotismo, “Eldorado”, paraíso na terra e outras noções elaboradas ainda na época da colonização pelos primeiros viajantes europeus que passaram pela região.

Relacionam-se ainda à maneira como esses conteúdos audiovisuais reelaboram esses mesmos discursos, inserindo neles “representações locais” e discursos sobre as identidades regionais que concorrem com os discursos elaborados sobre a Amazônia por parte de outros enunciadores, inclusive com elaborações de discursos outros, que agreguem questões relacionadas à urbanidade e (pós) modernidade, e que desloquem para um centro de importância questões relacionadas às populações urbanas, suas angústias, modos de vida e outras representações inseridas em um contexto global e não necessariamente regional.

Referências Bibliográficas

ARAGON, Luis E. **Há futuro para o desenvolvimento sustentável na Amazônia?** Belém: NAEA, 2002.

ARAÚJO, Juliano José de. *Griffith, Eisenstein e Vertov: do Cinema à Linguagem da Televisão*. In: CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE - INTERCOM NORTE, 9, Rio Branco, 2010. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010. p. 1-15. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0267-1.pdf>>. Acesso em: 03 de abril de 2012.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006

BENJAMIN, Roberto. **Culturas regionais: permanências e mudanças em tempo de globalização**. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.). *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: EDUC: Universidade Federal de Sergipe, 1999, p.129-136

BERNADET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema**: ensaios sobre o cinema brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CABRAL, Eula Dantas. **História da Televisão Amazonense**. In: Encontro Nacional de História da Mídia Brasileira, 1, 2003, Rio de Janeiro. 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2003.

CASTRO, C. E. . Cartografia Audiovisual Brasileira - um estudo quali-quantitativo de TV e Cinema em 2005. **Revista PJ:Br** (São Paulo), v. n 08, p. 8, 2007. Disponível em <<http://repositorio.ucb.br/jspui/handle/123456789/96>>. Acesso em 28 de junho de 2012.

COSTA, Selda Vale da. *O Cinema na Amazônia & A Amazônia no Cinema*. In: Revista de Economia Política de Las Tecnologias de la información y Comunicación. Dossiê Especial Cultura e Pensamento, Vol II- Dinâmicas Culturais, DEC.2006.

DUTRA, Manuel José Sena. *A Amazônia na TV*: produção de sentido e o discurso da ecologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 24, Campo Grande, 2001. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2001. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP9DUTRA.PDF>>. Acesso em: 26 de março de 2012

_____. *Redes Nacionais de TV e Recepção Local*: Cruzando Falares, Dissonâncias. In: CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE - INTERCOM NORTE, 9, Rio Branco, 2010. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0249-1.pdf>> Acesso em: 03 de abril de 2012.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/88>> Acesso em 09 de Julho de 2012.

FERREIRA, P. R. **Após o regatão, o rádio e a televisão.** In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 1, Novo Hamburgo, 2005. **Anais...** Novo Hamburgo: REDEALCAR, 2005. p. 1-12. Disponível em:
<www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/sonora/paulorobertoferreira.doc>. Acesso em: 28 de junho de 2012

FERREIRA, R. C. M. **SUCESSO NO RÁDIO E NA TELEVISÃO, O PROGRAMA DE AUDITÓRIO NÃO MORRE:** uma análise do Programa Carlos Santos na TV.2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura – requisito parcial para obtenção de Mestre) – Universidade da Amazônia, Belém, 2011. Disponível em
<<http://www.unama.br/novoportal/ensino/mestrado/programas/comunicacao/attachments/article/110/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Renata%20Claudia%20Martins%20Ferreira.PDF>>. Acesso em 28 de junho de 2012

FOUCAULT, M. **O ordem do discurso** [1970]. São Paulo: Loyola, 1998, 4.ed

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracina Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HORACIO-CASTRO, Fábio. **A encenação das identidades na Amazônia contemporânea.** Paper do Laboratório de Sociomorfologia, série “Identificações amazônicas”, n° 1. Belém, 2005^a

LINS, Alexandre Sócrates Araújo de Almeida. **Cinema e Amazônia:** uma abordagem sócio-histórica. In: CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE- INTERCOM NORTE, 6, Belém, 2007. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2007. p. 1-15. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2007/resumos/R0188-1.pdf>>. Acesso em: 03 de abril de 2012

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas.** Campinas, SP: Papirus, 1997.

OLIVERIA R, Relivaldo de. **Antropologia, Cinema e Cidade:** Representações de Belém do Pará em Dias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 32, Curitiba, 2009. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009. p. 1-11. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0125-1.pdf>>. Acesso em: 24 de março de 2012.

PETIT, Pere. **Filmes, Cinemas e Documentários no fim da Belle Époque no Pará (1911-1914).** In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. **Anais...**São Paulo: ANPUH, 2011. p. 01-08. Disponível em
<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848024_ARQUIVO_PEREPETIT-Filmes,CinemaseDocumentaisnofimdaBelleEpoquenoPara\(1911-1914\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848024_ARQUIVO_PEREPETIT-Filmes,CinemaseDocumentaisnofimdaBelleEpoquenoPara(1911-1914).pdf)> Acesso em: 09 de julho de 2012.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos -2ª Ed. – São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SANTOS, Milton. **A aceleração contemporânea: tempo e espaço mundo**. In: SANTOS, Milton et al. [Org.]. Fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 15-22.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1984, 5. ed.

SORANZ, G.. *Documentos da Amazônia*: Cinema documentário na TV Educativa do Amazonas. In: PAIVA, Samuel; CÁNEPA, Laura; SOUZA, Gustavo. (Org.). XI Estudos de Cinema e Audiovisual SOCINE. 1 ed. : , 2010, v. 11, p. 105-119

_____. *Imagens da Amazônia*. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 01, p. 1-10, 2007

STEINBRENNER, Rosane Albino. **Centralidade ambiental x invisibilidade urbana** (ou os novos “fantasmas” da Amazônia). In: Amazônia no Cenário Sul-Americano /Luís E. Aragón, José Aldemir de Oliveira (Orgs.) – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980